



Cacilda Rosa Bertoni

Como enfermeira, fez muitos partos nos acampamentos

Arquivo pessoal



CACILDA, O ORGULHO DA PROFISSÃO QUE ESCOLHEU PARA AJUDAR OS OUTROS

BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

“Viver para servir”. Antes de contar o que a trouxe ao Distrito Federal, a paulista de Piracicaba Cacilda Rosa Bertoni faz questão de ressaltar o lema da turma onde se formou em enfermagem, na Escola Ana Nery (Universidade do Brasil — Rio de Janeiro). Ajudar às pessoas fez bem para esta senhora de 84 anos, que, em 1957, pela disposição em servir ao próximo, se tornou a primeira enfermeira da nova capital.

A decisão do marido, Afonso Bertoni (falecido), de abandonar tudo em Juiz de Fora (MG) e viajar para o Planalto Central a pegou de surpresa. Com a vida estabilizada e um casal de filhos pequenos, venderam tudo para empreender-se na viagem. “Ele trabalhava com obras e achava que aqui teria grandes oportunidades”, conta Cacilda. “Eu viria primeiro para arrumar um lugar para ficarmos, depois buscaria as crianças”, completa.

Dessa forma fizeram. Cacilda chegou em dezembro de 1957 à Cidade Livre (Núcleo Bandeirante) com o endereço da Casa Pastoral da Igreja Metodista. Encontrado o lugar, lá seria a moradia provisória da família. A enfermeira voltou a Juiz de Fora e retornou com os filhos de avião. O marido deixara a cidade na mesma hora e com a mesma direção a seguir, só que a bordo de um caminhão

carregado com a mudança e o material necessário para a construção de um barracão de madeira para morarem.

O medo da empreitada só apareceu nos dias em que Cacilda esperava pelo marido, sem notícias. Bertoni demorou oito dias para chegar devido às péssimas condições das estradas do Centro-Oeste naquela época. Fora isso, Cacilda não se assustava com nada. Antes, vivera por quatro anos na Amazônia, junto ao Serviço Especial de Saúde Pública (SESP). Na Amazônia, participara da inauguração do Hospital de

Santarém, em 1946.

A Casa Pastoral, como tudo na Cidade Livre, funcionava em um grande barracão de madeira. Lá também ficava a primeira escola primária de Brasília. De manhã, a esposa do pastor dava aulas e à noite o próprio pastor era o professor. No lugar onde estava a Casa Pastoral hoje está instalado o Corpo de Bombeiros do Núcleo Bandeirante.

Nos planos do casal Bertoni, o local serviria de abrigo apenas por alguns dias, até que o barracão de madeira da família fosse construído. Mas a forma que as deci-

sões eram tomadas aqui prolongou a permanência no local. Concentrado nas construções do Plano Piloto, que acabavam de começar, Israel Pinheiro, presidente da Novacap, não permitia que ninguém construísse nada na Cidade Livre sem sua autorização.

Enquanto esperavam, Bertoni nada podia fazer. Por sorte, Cacilda recebia o salário de enfermeira normalmente. Estava de licença prêmio por ter trabalhado dez anos seguidos sem nenhuma falta, justificada ou não. O lote da Novacap foi cedido para a família após três meses de espera. Bertoni pôde então construir um pequeno barracão na Segunda Avenida da Cidade Livre e dar início aos trabalhos com as obras das construtoras que estavam instaladas aqui.

Partos

Não demorou muito para Cacilda ser descoberta na Cidade Livre. Andando nas ruas da pequena vila, a enfermeira encontrou uma ex-colega do SESP, com quem trabalhara na Amazônia. “Noêmia, não me recordo o sobrenome, estava grávida e pedia que eu fizesse seu parto”, conta.

O único hospital que existia em toda a região era do Instituto de Pensões e Aposentadoria dos Industriais (IAPI), que só atendia casos de urgência e emergência. “Havia muitos acidentes de trabalho nos acampamentos”, justifica. Fora isso, havia uma parteira na cidade e mais nada. Depois

do primeiro parto feito por Cacilda, centenas de outros se seguiram até 1960. “A necessidade me levou a realizá-los. No curso de enfermagem tínhamos aula de obstetrícia”, conta. “Rapidamente fiquei conhecida em toda Brasília”, conta. “Os maridos das mulheres grávidas dos acampamentos das construtoras vinham me pedir ajuda.”

Quando os partos eram feitos na Cidade Livre, Cacilda era auxiliada pelo marido. Quando eram nos acampamentos, os maridos precisavam preencher uma ficha onde colocavam suas descrições físicas e a previsão do mês em que a criança nasceria. “Quando chegava o dia, meu marido atendia a porta e identificava o pai pela descrição na ficha”, diz. “Era preciso fazer isto porque eu teria que sair sozinha com desconhecidos numa terra cheia de aventureiros”, explica.

Para realizar o parto, Cacilda levava todo o material necessário em uma maleta, como agulha, pinças, luvas e fios esterilizados. Quando os partos eram na Cidade Livre, levava até água fervida, porque as estruturas das casas eram muito precárias. “Os homens me ajudavam a carregar”, conta.

As mulheres que viviam nos acampamentos eram poucas, viviam com os maridos. Por causa disso, elas terminavam ficando encarregadas dos serviços domésticos de todo o acampamento, como lavar roupas e cozinhar.

acompanhar o marido, que queria tentar a vida na nova capital em 1957. Enfermeira detentores, acabou por exercer a profissão desde o primeiro momento na cidade

**NOS SEUS 80 ANOS,
COM A FAMÍLIA
REUNIDA**

“Mulher era coisa rara em Brasília naquele tempo”, diz Cacilda. “Os homens nos olhavam com surpresa, mas sempre com muito respeito”, garante.

O trabalho como enfermeira fazia com que Cacilda não pensasse duas vezes em abrir mão do próprio conforto em benefício de suas pacientes. Em uma oportunidade, após realizar o parto de uma francesa casada com um espanhol, Cacilda terminou por abrigar o casal estrangeiro, uma filha pequena e a criança recém-nascida em sua casa para não deixá-los na rua. Eles haviam se casado na Argélia e vieram para cá em busca de oportunidades. Mas a empresa para a qual o marido trabalhava falira, fazendo com que perdessem tudo. “Terminei comprando uma máquina de costura e outros bens que possuía para ajudá-los a ir embora”, recorda-se.

Além dos candangos, Cacilda realizou inúmeros partos de esposas de engenheiros e autoridades, como o deputado Paulo Freire. “Fiz o parto do menino Paulo Francisco às vésperas das eleições de 1960.”

Hospital Distrital

Em 1960, Cacilda foi descoberta por uma colega da escola de enfermagem. Aidê Dourado, como se chamava, era a primeira de um grupo de dez enfermeiras contratadas para trabalhar no Hospital Distrital (Hospital de Base) a chegar a Brasília. “Ela soubera que eu estava aqui e foi me procurar na Cidade Livre”, diz. “Quando ela me encontrou, estava lavando roupa com a baiana Ernestina no córrego Vicente Pires, que era muito limpo na época”, completa.

No Hospital Distrital, inaugurado em 1960, Cacilda foi contratada para organizar o centro cirúrgico. As dificuldades deste tra-

balho eram inúmeras, a começar pela falta de infra-estrutura do lugar. A sala de operações só tinha um foco de luz, o assoalho do piso ainda não estava fixado e tudo tinha que ser esterilizado com formol, pois ainda não havia material descartável. “Um baiano que nunca houvera trabalhado em hospital me ajudava a organizar tudo nas caixas para cada tipo de cirurgia”, revela.

As roupas também tinham que estar limpas com frequência e, como não havia lugar para higienizá-las no hospital, eram enviadas para o hospital São Vicente, que começava a funcionar em Taguatinga. “Mandamos muitas peças e elas nunca retornaram, então decidi mudar o esquema”, conta a enfermeira.

Cacilda solicitou então à construtora Pederneiras, responsável pela obra do hospital, que enviasse tambores cortados ao meio, que passaram a servir de tanques improvisados. Para fazer o serviço, contratou três lavadeiras que conhecia da Cidade Livre.

“**RAPIDAMENTE
FIQUEI CONHECIDA
EM TODA
BRASÍLIA. OS
MARIDOS DAS
MULHERES
GRÁVIDAS DOS
ACAMPAMENTOS
DAS
CONSTRUTORAS
VINHAM ME PEDIR
AJUDA**”



Como varal, usava os arames farpados no fundo do hospital. “Mas tudo era feito com muita responsabilidade e cuidado, tanto é que nunca tivemos um caso de infecção”, garante.

Depois do Hospital Distrital, Cacilda trabalhou durante um tempo no hospital da Universidade de Brasília, que funcionava onde hoje está o Cine Dois Candangos, e na organização do primeiro posto de saúde de Brasília, na 508 Sul.

Como funcionária do Hospital Distrital, teve direito a morar em um apartamento na Asa Norte, na antiga quadra 46, que corresponde hoje à 405 Norte. Ficou lá até 1968, quando o prédio precisou ser interditado para manutenção. Na ocasião, terminou recebendo um apartamento na 112 Sul, que a Novacap cedeu para uso dos funcionários do hospital.

Em 1960, também foi responsável pela fundação da Associação de Enfermagem do Distrito Federal, na Avenida L2 Norte — primeira associação de classe a ter sede na nova capital.

Raio X

Nome:
Cacilda Rosa Bertoni
Idade:
84 anos
Origem:
Piracicaba, São Paulo
Profissão:
Enfermeira
Marido:
Afonso Bertoni (falecido)
Ano de chegada a Brasília:
1957
Filhos:
Carlos H. Bertoni, Silvia Bertoni Reis e Cesira Bertoni Jardim
Netos:
Guilherme, Carlos Henrique, Tomás e Gustavo